

**A EDUCAÇÃO NO BRASIL À LUZ DO MÉTODO PEDAGÓGICO DOS  
JESUÍTAS**

**THE EDUCATION IN BRAZIL FROM THE STANDPOINT OF THE  
JESUITS' PEDAGOGICAL METHOD**

**LA EDUCACIÓN EN BRASIL A LA LUZ DEL MÉTODO  
PEDAGÓGICO DE LOS JESUITAS**

---

Fátima Souza Francioli

Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) – Campus de Araraquara. Professora da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – Campus de Paranavaí. E-mail: [fas.francioli@hotmail.com](mailto:fas.francioli@hotmail.com).

---

Danielle Priscila de Brito Sobral

Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) – Campus de Paranavaí. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq). E-mail: [daniellebsobral@gmail.com](mailto:daniellebsobral@gmail.com).

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/notandum.vi56.56022>

*Recebido em 29/09/2020*

*Aceito em 26/01/2021*

### Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar como o método pedagógico dos Jesuítas desenvolveu a educação formal no Brasil Colônia. De cunho bibliográfico, a pesquisa expõe a história dos primeiros séculos da educação no Brasil, que expandiu sob a égide dos padres jesuítas. Com o empenho de atingir o objetivo, buscou-se conhecer como se deu o processo de alfabetização nas casas de bê-á-bá, voltadas particularmente para as crianças indígenas mamelucas, a relação do método pedagógico com a pedagogia tradicional e sua influência na configuração educacional do presente século. Os padres jesuítas ergueram casas de bê-á-bá e escolas em diferentes lugares da Colônia, aplicando o método pedagógico previsto no *Ratio Studiorum* por 210 anos na liderança da educação formal em terras brasileiras. Os dados históricos demonstram que ainda existe muito do passado em nossa educação atual, inclusive na forma como alguns documentos educacionais estão dispostos e na maneira como a maior parte das instituições de ensino e os professores se organizam e executam o seu trabalho. Os resultados indicam que a ação educacional desenvolvida pelos padres jesuítas na Terra de Vera Cruz tornou-se um marco importantíssimo que lança um norte para compreensão e reflexão da educação atual e do futuro.

**Palavras-chave:** Educação dos Jesuítas; Método *Ratio Studiorum*; Alfabetização do bê-á-bá.

---

### Abstract

The objective of this study is to present how the pedagogical method of the Jesuits developed Colonial Brazil's formal education. This bibliographical study sheds light on the history of schooling in Brazil in its first few centuries, expanded under the aegis of the Jesuit priests. In the effort of attaining the project's goal, we sought to understand how the alphabetization process occurred at the *bê-á-bá* houses, which primarily focused on the indigenous mameluco children, in addition to the correlation between the pedagogical method and traditional pedagogy, along with its influence on the educational setting in the current century. The Jesuit priests built the *bê-á-bá* houses and schools at different places in the Colony, where, for 210 years, they administered the *Ratio Studiorum* pedagogical method as the default for formal education in Brazil. Historical data shows us there is still much of the past in our current educational setting, even how we arrange some educational documents, as well as how the majority of educational institutions and teachers organize themselves and perform their work. The results indicate that educational action done by the Jesuit priests in the Land of Vera Cruz became an important milestone, able to guide our understanding and reflection upon how schooling comes about today and how it will be in the future.

**Keywords:** The Education of the Jesuits; The *Ratio Studiorum* Method; Children's Intellectual Development; The Alphabetization of the *bê-á-bá*.

---

### Resumen

El objetivo de este trabajo es presentar como el método pedagógico de los Jesuitas desarrolló la educación formal en el Brasil Colonial. De naturaleza bibliográfica, la investigación expone la historia de los primeros siglos de la educación en Brasil, que se expandió bajo la égida de los sacerdotes jesuitas. Con el afán de lograr el objetivo, se buscó conocer cómo se desarrolló el proceso de alfabetización en las casas bê-á-bá, vueltas particularmente a los niños indígenas mamelucos, la relación entre el método pedagógico y la pedagogía tradicional y su influencia en la configuración educativa del presente siglo. Los sacerdotes jesuitas levantaron casas y escuelas bê-a-bá en diferentes sitios de la Colonia, aplicando el método pedagógico *Ratio Studiorum* durante 210 años en el liderazgo de la educación formal en tierras brasileñas. Los datos históricos muestran que todavía queda mucho del pasado en nuestra educación actual, incluso en la forma como algunos documentos educativos están dispuestos y, en la forma que la mayoría de las instituciones de enseñanza y los profesores se organizan y llevan a cabo su trabajo. Los resultados indican que la acción educativa desarrollada por los sacerdotes jesuitas en la Tierra de Vera Cruz se ha convertido en un hito de suma importancia, que lanza una guía para comprensión y reflexión de la educación actual y del futuro.

**Palabras clave:** Educación de los Jesuitas; Método *Ratio Studiorum*; Alfabetización del bê-a-bá.

---

### Introdução

O objetivo dessa pesquisa foi o de identificar como o método pedagógico dos Jesuítas desenvolveu a educação formal no Brasil Colônia. Alguns estudos apontam que, ainda hoje, é

possível encontrar resquícios do método empregado pelos padres Jesuítas na educação brasileira. Para constatar tal veracidade é que esta pesquisa foi realizada.

Considerando a natureza do objetivo, tornou-se necessário empregar a pesquisa bibliográfica ancorada em artigos e obras que abordam o tema em estudo, discutindo o contexto histórico da chegada da Companhia de Jesus ao Brasil e como o método pedagógico do *Ratio Studiorum*, empregado por ela, influenciou a pedagogia tradicional e a educação contemporânea. Para isso, tomou-se como referência autores como Leonel Franca (1958), Dermeval Saviani (2008), Jorge de Souza Araújo (1999), Luiz Alves de Mattos (1958) entre outros.

A partir da leitura prévia dos textos selecionados foram feitos registros, análises e interpretações a respeito de quais eram os pontos essenciais que nortearam o desenvolvimento do trabalho educacional dos Inacianos no Brasil Colônia.

Reconhecemos que há uma boa quantidade de artigos e livros escritos sobre o primeiro período da educação formal nas terras Tupiniquins, porém, há sempre algo que ainda precisa e pode ser estudado, como o ensino da leitura e da escrita para crianças indígenas nas casas de Bê-á-bá e como o emprego do método previsto no *Ratio Studiorum* influenciou a educação brasileira nos dias atuais. Nesse sentido, o presente estudo pode responder melhor as curiosidades deste acontecimento histórico, sem falar nas ricas lições que o pesquisador acaba propiciando e tornando-os disponíveis para si, para seus contemporâneos e para seguintes gerações.

Assim, esse trabalho busca identificar os pontos chaves que nortearam as ações dos pioneiros da educação formal no Brasil, ou seja, conhecer as características pessoais que influenciaram na forma como eles procederam no exercício docente. Para isso, o texto apresenta desde o contexto histórico da educação formal no Brasil, o método do *Ratio Studiorum* empregado pelos Jesuítas, as escolas e casas de Bê-á-bá para a alfabetização das crianças indígenas mamelucas e a expulsão dos Jesuítas mais de dois séculos depois de sua chegada em terras brasileiras.

### **Contexto histórico da educação formal e o início da educação no Brasil**

O princípio da educação formal, de certa maneira, sempre esteve ligado à religião. Tal constatação se deve à invenção da escrita que surgiu por causa da necessidade de comunicar-se com o divino. “Provavelmente, desde 3500 a.C. os egípcios faziam inscrições em hieróglifos (literalmente, ‘escrita sagrada’)” (ARANHA, 2006, p. 43). Na antiga idade grega,

nos tempos homéricos (XII a VII a. C.), as crenças religiosas povoam o imaginário do homem grego, a educação dava-se pelas leituras de poemas e os mais proclamados eram atribuídos a Homero.

Heróis, como Aquiles, Ulisses e Heitor converteram-se em modelos a serem seguidos. Desde pequeno, o homem grego aristocrata era incitado a buscar as virtudes modelares desses heróis, tais como a honra, a coragem e a amizade; além disso, aprendia a respeitar os deuses e a crer em seus mitos, particularmente naqueles contidos na *Ilíada* e na *Odisseia*. Deveria também mostrar-se superior aos seus pares na força, na beleza, na habilidade com instrumentos musicais ou ainda na nobreza de sua linhagem. Todos estes atributos deveriam ser desenvolvidos ao máximo, para que esse jovem pudesse atingir a excelência, a areté heroica. (AMARAL; MURARI; MELO, 2009, s./p.).

De acordo com Souza et al., (2006, p. 24) a literatura sagrada era ensinada para contribuir com o objetivo de homem que se desejava: “O domínio das línguas tecnicamente difíceis, adquirido pela educação formal entre os povos da Antiguidade oriental, facilitava o domínio de formas de condutas, impondo modelos aprovados e incorporados pela literatura sagrada”.

É sabido que livros sagrados do passado possuíam as orientações sobre como educar e para quem educar. Essa educação informal religiosa contribui para a constituição das bases para a formação de uma educação mais especificada, sofisticada e sistemática. Para ilustrar essa afirmação, trazemos o seguinte trecho do Talmude: “Quem não procura que seu filho aprenda um ofício, está preparando-o para que seja ladrão”. Outro exemplo é o que está escrito na versão A.A – *Almeida Revisada da Bíblia Sagrada*, no livro de Provérbios de Salomão 22:6: “Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele”. Esses preceitos religiosos fizeram-se presentes nas conjecturas filosóficas da educação sistêmica de povos, desde a Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Contemporânea (SOUZA et al., 2006, p. 80).

Na Idade Moderna, no século XVI ocorreu a reforma protestante (1517) que desencadeou disputas religiosas e também ocasionou mudanças na educação. Foi nesse contexto de reforma e contrarreforma, acompanhada das grandes descobertas, que a “corrida” pela salvação dos novos povos se iniciou: “Para tal fim, são enviados aos novos mundos, os catequizadores da fé cristã” (SOUZA et al., 2006, p. 84). Vê-se, com isso, que na configuração educacional de povos como os da América Central e América do Sul houve forte influência religiosa e muitos saberes cristãos foram assimilados.

Nesse contexto o Brasil entra para a história no século XVI com a chegada dos portugueses, mais precisamente em 1549 com Tomé de Sousa, nomeado por Dom João III, como governador geral das novas terras brasileiras. Tomé de Sousa trouxe “consigo os primeiros jesuítas, cujo grupo era constituído por quatro padres e dois irmãos chefiados por Manoel da Nóbrega. Eles vieram com a missão conferida pelo rei de converter os gentios” (SAVIANI, 2008, p. 25).

Nesse grupo, os padres jesuítas vieram com o intuito de cumprir um pedido expresso na carta de Pero Vaz de Caminha ao então rei D. Manuel, como se vê no livro *A catequese*, do Cônego Pedro Terra. Nele constam as seguintes declarações:

Sobretudo, D. João entendeu a urgência daquelas palavras, que o Cronista da Caravana descobridora, Pero Vaz de Caminha, escrevera na sua Crônica de primeiro de maio de 1500, a D. Manoel, o Venturoso: ‘Se V. Alteza aqui mandar quem entre êles (os selvagens) mais devagar ande [...] creio que todos serão tornados ao desejo de V. Alteza... se algum vier não deixe logo de vir clérigo para os batizar’, e após ter-se referido à fertilidade da terra descoberta, assim conclui sua relação: ‘O melhor fruto que dela se pode tirar me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que V. Alteza em ela deve lançar.’ (TERRA, 1963, p. 29).

Como ressaltado nesta citação, a “salvação” do povo que aqui vivia seria por meio de uma educação centralizada na catequese, “Em verdade a emergência da educação como um fenômeno de aculturação tinha na catequese a sua ideia-força” (SAVIANI, 2008, p. 31), cumprindo-se, assim, os ditames de Dom João III.

De acordo com Oliveira e Costa (2011, p. 3) “Os padres jesuítas vieram para o Brasil, iniciando não só a história da educação em terras brasileiras, mas também inaugurando a primeira, mais longa e mais importante fase dessa história”.

Inicia-se, assim, a história da educação formal no Brasil sustentada na forte ligação do ensino sistêmico com a presença do divino, principalmente por meio da presença e da ação das ordens franciscana, beneditina e jesuíta. De acordo com Saviani (2008, p. 41), “Além de franciscanos e beneditinos, outras ordens religiosas se fizeram presentes no processo de colonização do Brasil, como os carmelitas, mercedários, oratorianos e capuchinhos, tendo desenvolvido alguma atividade educativa”. No entanto, a Companhia de Jesus foi hegemônica na instrução e evangelização por causa de fatores que serão abordados no corpo desse texto.

A Companhia de Jesus foi criada no século XVI por iniciativa de Inácio de Loyola: “A Companhia de Jesus, ou Sociedade de Jesus, surgiu em 1534, por iniciativa de Inácio de Loyola (1491 – 1556)” (COSTA; MENEZES, 2009, p. 32). A Sociedade de Jesus adquiriu

grande notoriedade, não só na evangelização, mas no que se refere ao ensino formal. Seus colégios, seu corpo docente e seu sistema de organização de ensino em pouco tempo tornaram-se sinônimo de excelência educacional.

Monroe (1985, p. 184), em seu livro *História da educação*, relata a extensão da influência dos Jesuítas na educação formal:

Durante o segundo quartel do século XVII o número dos colégios tinha aumentado para 372. No começo do século XVIII, mantinham 612 colégios, 157 escolas normais, 24 universidades e 200 missões. E, na época da supressão da ordem, na segunda metade daquele século, os colégios de ambos os graus eram 728. A frequência em muitos dos maiores destes colégios, passava de 2.000; a frequência total no departamento de Paris foi acima de 13.000; e, nos diversos colégios nacionais, em Roma, a mais de 2.000. Na época da supressão a Ordem contava cerca de 22.000 membros, a maioria dos quais se consagrava ao trabalho da educação.

A seguir veremos como o método pedagógico adotado pelos Jesuítas se fez presente na educação brasileira.

### **O método pedagógico do *Ratio Studiorum* empregado pela Companhia de Jesus**

A educação organizada pelos Jesuítas foi definida em um plano geral de estudos denominado de *Ratio Studiorum* que privilegiava o ensino da língua portuguesa para os indígenas e a doutrina cristã. A elaboração deste documento levou mais de cinquenta anos e passou por diferentes reformulações. Foram “criadas inúmeras versões a fim de testar sua aplicabilidade em todos os colégios da ordem, visto a expansão da Companhia de Jesus pelo mundo. Neste panorama, os Jesuítas foram cautelosos até sua publicação final em 1599” (HENRIQUE; MAIA; FREITAS, 2016, p. 5).

Nesse sentido, Toyshima, Montagnoli e Costa (*apud* HENRIQUE; MAIA; FREITAS, 2016, p.2-3) relatam:

O primeiro esboço desse projeto para padronizar/uniformizar o ensino nas universidades e colégios dos jesuítas iniciou-se em 1551 quando Jerônimo Nadal recolheu informações referentes aos colégios em principal o de Messina, através das observações descrevidas pelos docentes, preparou o primeiro regulamento que viera a ser o alicerce do *Ratio Studiorum*.

Ainda a respeito das motivações que levaram ao *Ratio Studiorum*, Ferreira Jr. e Bittar (2012, p. 693) comentam que:

A necessidade de uniformizar procedimentos, centralizar decisões e obedecer a uma única diretriz filosófica foi o que motivou o surgimento desse importante plano, uma vez que os colégios se multiplicavam em muitos lugares, particularmente na Europa, fazendo com que a direção da Companhia de Jesus temesse pela dispersão de ações.

Então, em 1599 é apresentado a versão definitiva do *Ratio Studiorum*, elaborado por Cláudio Aquaviva a partir das experiências adquiridas por todos os colégios da Ordem. “Cláudio Aquaviva, quinto superior geral da ordem, coube a ele a incumbência/responsabilidade de elaborar um método definitivo para a companhia de Jesus, [...]” (NETO; MACIEL; LAPOLLI *apud* HENRIQUE; MAIA; FREITAS, 2016, p. 3).

Em relação aos primórdios da educação formal em terras brasílicas é importante compreender que os primeiros professores jesuítas não possuíam um plano de metodologias pedagógicas padronizado, “[...] o primeiro século da colonização do Brasil corresponde também aos primeiros sessenta anos da ação educacional jesuítica na Colônia, no período de 1549 e 1599, ou seja, é anterior à publicação do *Ratio Studiorum*” (OLIVEIRA; COSTA, 2011, p. 6). A pedagogia que foi desenvolvida nesse período que antecede ao *Ratio Studiorum* ficou conhecida como pedagogia brasílica conforme dito por Ferreira Jr. e Bittar (2012, p. 694): “Ao conjunto de improvisações praticadas nesse período anterior ao *Ratio*, denominamos pedagogia brasílica”.

A respeito do plano de estudos da Companhia de Jesus, o padre Leonel Franca é autor da obra *O método pedagógico dos jesuítas: o “Ratio Studiorum” Introdução e Tradução*. Este livro expõe os objetivos, metodologias e os procedimentos da pedagogia contidos no *Ratio*.

Nas palavras de Franca (1958, p.2)

Como um dos ministérios mais importantes da nossa Companhia é ensinar ao próximo todas as disciplinas convenientes ao nosso Instituto, de modo a levá-lo ao conhecimento e amor do Criador e Redentor nosso, tenha o Provincial como dever seu zelar com todo empenho para que aos nossos esforços tão multiformes no campo escolar corresponda plenamente o fruto que exige a graça da nossa vocação.

Nesta obra, Franca (1958) expõe que a *administração* da Companhia de Jesus era dividida em Províncias, constituídas por casas e colégios sob a direção de um Provincial, cuja função se destinava à organização dos estudos e a nomear o Prefeito de estudos e de disciplinas. Além disso, ficava sob a responsabilidade do Provincial zelar pela formação dos professores e vigiar o cumprimento do *Ratio*, propondo mudanças quando necessárias.

Em cada colégio tinha um *Reitor* que exercia a autoridade de convocar e dirigir reuniões com os professores e as solenidades escolares. No entanto, era subordinado ao Provincial e ao Geral. O *Reitor* contava com um orientador pedagógico nomeado como *Prefeito de estudos*. A este cabia a função de acompanhar a vida escolar dos alunos, as aulas ministradas, a execução dos programas e regulamentos de forma a aconselhar os novos professores. Nos colégios maiores, com cursos superiores, existia o *Prefeito de estudos inferiores*, auxiliar e subordinado ao *Prefeito de estudos*. Tudo girava em torno da manutenção da ordem e do bom comportamento.

Segundo Franca (1958), o *Ratio Studiorum* tinha um *currículo* muito preciso e organizado para os cursos superior e secundários composto por conteúdos teológicos distribuídos em quatro anos, como: teologia escolástica, teologia moral e sagrada escritura. O currículo também continha conteúdos filosóficos nos três anos composto pela lógica, cosmologia, psicologia, física, metafísica e filosofia moral. No curso secundário o *currículo humanista* era composto por cinco classes: retórica, humanidades, gramática superior, gramática média e gramática inferior. Cada classe representava um grau ou estágio de progresso: “Só podia ser promovido à classe superior o aluno que os houvesse assimilado integralmente. Por isso, na prática, o currículo dilatava-se muitas vezes por 6 e 7 anos; a última classe de gramática e às vezes a penúltima desdobravam-se em duas outras, A e B [...]” (FRANCA, 1958, p. 48). O latim e o grego eram as disciplinas dominantes, assegurando ao aluno a expressão clara e elegante da retórica perfeita.

Essa organização curricular distribuía os níveis de ensino em três grandes períodos:

Os estudos se organizam em três grandes etapas: a) *Studia Inferiora*, em cinco classes, das quais três de Gramática (ínfima, média e supra), uma de Humanidades e uma de Retórica; b) *Studia Superiora I*, em três anos dedicados aos estudos de Filosofia, Matemáticas e Ciências Naturais; c) *Studia Superiora II*, exclusivamente para a formação dos clérigos, em 4 anos de estudos dedicados à Teologia. (NETO, 1994, p. 10).

Organizado em 5 horas de aula por dia, o *currículo* era dividido em um período da manhã e outro a tarde, “minuciosamente distribuído entre o grego e o latim, a prosa e a poesia, e os diversos exercícios escolares, preleção, lição de cor, composição, desafios etc., visando-se em tudo, com o melhor aproveitamento da aula, a maior variedade nas ocupações do aluno” (FRANCA, 1958, p. 50).

Como todo currículo, o *Ratio Studiorum* também empregava uma metodologia considerada por Franca (1958) como a parte mais importante e desenvolvida do documento.

Sem ser rígida, mas composta por uma multiplicidade de métodos, os professores tinham a liberdade de propor novas metodologias. O ponto de partida era a chamada *Preleção*, ou seja, as lições eram antecipadas indicando aos alunos o que deveriam estudar, estimulando e ativando o espírito. Mais tarde, ao se apropriar da retórica, da gramática elementar, os professores inseriam os conhecimentos *eruditos*, como noções de história, mitologia, arqueologia etc., a fim de esclarecer e compreender o conteúdo estudado.

A respeito das metodologias, Negrão esclarece que:

Leonel Franca expõe, com muita ênfase, aspectos relevantes da pedagogia jesuítica: a preleção, em que se aborda um texto etimológica, gramatical, literária e historicamente; estudos privativos e grupais com exercícios escritos, pesquisas, heterocorreções; a emulação, arma de incentivo nos certames, debates, desafios, disputas, exposição de trabalhos, premiações, estimulando a entrada em Academias; 1 a memorização, repetindo-se os pontos mais fortes das lições, praticando-se declamações e representações teatrais; a rígida formação moral e religiosa, com exortações em público ou em particular, vigilância contínua, concentração e perseverança nos estudos, domínio e controle das emoções, firmeza de caráter, sobriedade, obediência irrestrita aos superiores, práticas sacramentais frequentes, aulas específicas de aprofundamento da doutrina católica. (NEGRÃO, 2000, p. 155).

A metodologia empregada no *Ratio Studiorum* não visava somente a memorização, mas desenvolvia a imaginação, a razão, a observação, a análise, a crítica. “Podemos concluir que, no seu currículo, o *Ratio* conseguiu organizar e sistematizar o que de melhor havia no tempo”. (FRANCA, 1958, p. 55). Para o autor, o processo de ensino e aprendizagem empregados pelos Jesuítas, mesmo sob uma rigidez conservadora, soube desenvolver nos alunos o espírito progressista da cultura moderna.

A pedagogia contida no *Ratio* deveria convergir para o desenvolvimento integral do homem, de acordo com Lima *et al.* (2017, p. 1): “A finalidade da educação jesuíta era abranger todos os aspectos da vida humana (individuais e sociais, intelectuais e religiosos)”.

Algumas considerações sobre o *Ratio Studiorum* e a Organização da Educação nos colégios Jesuíticos são apresentadas por Toyshima, Montagnoli e Costa (2012, p. 3):

Na pedagogia jesuítica a instrução e a educação progrediam juntas, desta maneira, não se deve desconsiderar esses processos como estritamente religiosos e que se utiliza do ensino para promover a verdadeira religião, pois o ideal da Companhia é proporcionar a realização plena da natureza humana [...] Rodrigues (1917, p. 19) argumenta que ‘a educação moral é o fim a que eles primeiro que tudo pretendem chegar e para a qual fazem convergir todos os meios que estão ao seu alcance’.

A pedagogia tradicional do *Ratio Studiorum* é herdeira do movimento humanista do final da Idade Média, pois, em seu currículo consta estudos de obras e autores clássicos. De acordo com Ferreira Jr. e Bittar (2012, p. 693): “[...] a Companhia de Jesus prescreveu no *Ratio Studiorum*, durante quase cinquenta anos de elaboração (1551-1599), os conteúdos das humanidades latinas, das classes inferiores às superiores, considerados fundamentais para a formação dos ‘soldados de Cristo’”.

Conforme relatado por Neto (1994, p. 1) em A “Pedagogia Tradicional” Marcos de sua Manifestação e Consolidação:

Assim como a Reforma e o Iluminismo, se evidenciam a partir dos séculos XVI e XVII (final) respectivamente, é a partir da segunda metade do século XVI que podemos identificar o conjunto de manifestações que caracterizam o surgimento da ‘Pedagogia Tradicional’. Mas, também ela, veio sendo construída historicamente, através de diferentes e sucessivas propostas de sistematização da teoria e prática educativa. Estas propostas, com maior ou menor influência ou com maior ou menor permanência, contribuíram para caracterizar um modo de agir e de pensar a educação, dotado de identidade própria [...].

Após esta constatação, encontramos em Saviani (2008, p. 58) a mesma afirmação de que “As ideias pedagógicas expressas no *Ratio* correspondem ao que passou a ser conhecido na modernidade como pedagogia tradicional” que corresponde a uma educação voltada a moldar, em cada aluno, a essência do homem ideal. Na vertente religiosa adotada pelos Jesuítas, significa constituir o homem a imagem e semelhança de Deus, como uma criação divina.

As ideias pedagógicas lançadas pelos padres jesuítas também fundamentaram as bases da pedagogia tradicional contemporânea, nesse sentido Lima *et al.* (2017, p. 5) inferem:

A partir de uma análise superficial do documento, percebe-se que os aspectos pedagógicos da educação Jesuíta influenciaram diretamente a estrutura educativa que temos nos dias atuais. Alguns desses aspectos são tratados praticamente da mesma forma, porém, adaptados à ‘modernidade’ educacional em que estamos inseridos. A forma de selecionar professores, a postura exigida dos alunos, a hierarquia e o sistema de avaliação permaneceram praticamente idênticos aos daquela época.

São por essas razões acima expostas que o *Ratio* foi destaque em sua época, e não somente em seu período, mas também por ter abrangido até nossos dias, influenciando em diversas questões da educação formal ao longo dos tempos, de forma direta ou indireta.

A educação formal no Brasil colonial a princípio não usufruiu do plano de ensino do *Ratio Studiorum*, mas, todavia, teve grande êxito em se tratando do processo de alfabetização dos aborígenes, especialmente das crianças, por isso é válido conhecer sobre as escolas e casas de bê-á-bá.

### **As Escolas e Casas de Bê-á-Bá**

As pesquisas que se dedicaram ao estudo do ensino nas Escolas e Casas de Bê-á-Bá demonstram que, além desses espaços serem um instrumento de catequização dos “gentios” através dos princípios do cristianismo, eles uniram os interesses da fé cristã às questões econômicas da Companhia de Jesus.

As casas de bê-á-bá, neste contexto, exerceram um papel ideológico fundamental no sentido da afirmação dos princípios que norteavam as estruturas da chamada ‘civilização ocidental cristã,’ notadamente depois das reformas religiosas que marcaram drasticamente o mundo europeu no transcurso do século XVI. (BITTAR; FERREIRA JR., 2005, p. 157).

O surgimento das escolas em terras brasileiras teve início no ano de 1549, ano em que desembarcaram os padres jesuítas na Bahia. Dentre os nomes dos primeiros educadores de grande influência, destaca-se Manuel da Nobrega, o primeiro encarregado da companhia de Jesus aqui no Brasil. As escolas surgiram mesmo antes do *Ratio Studiorum* ser organizado, como destaca-se abaixo:

Pouco depois de chegar, Nóbrega inaugurou, com a ajuda de cinco companheiros, a primeira escola brasileira na Bahia, o germe positivo de quase toda a história missionária, que uniu ao ensino da doutrina cristã (catequese) uma escola de ler e escrever (instrução), enquanto Portugal ainda mergulhava na atmosfera medieval do analfabetismo. A atuação educadora de Nóbrega baseou-se, presumivelmente, no sistema escolar português que era embrionário. As Constituições, primeiras normas de estudos da Companhia, só chegaram ao Brasil em 1556 e o primeiro esboço do célebre *Ratio Studiorum*, verdadeiro código pedagógico dos Jesuítas, ficou pronto em 1586 e promulgado em 1599, vinte e nove anos após o falecimento de Nóbrega. (CRAICE, 2008, p. 1).

As Casas de Bê-á-Bá, sob uma concepção evangelizadora, iniciaram o processo da conversão dos indígenas ao cristianismo por meio do ensino da leitura e da escrita e se constituíram na primeira experiência pedagógica praticada pelos padres jesuítas. A princípio essas casas foram organizadas com escolas doadas pelos colonos até que Padre Manoel da

Nóbrega, encarregou-se de pedir terras a Tomé de Sousa, então governador geral do Brasil, como uma base material de autossustentação para manutenção do trabalho de catequese e escolarização das primeiras letras.

Visto que os padres recebiam certas doações, que na época eram caracterizadas como ‘esmolas’, os mesmos não poderiam confiar somente na caridade do povo, sendo necessários conseguirem uma outra forma de renda. Liderados pelo padre Manuel da Nóbrega os jesuítas viram como forma de subsistência a criação de gado dentro das terras cedidas a eles pela Coroa Portuguesa, porque não exigia muita mão de obra, e isto era importante na ocasião visto que os religiosos passavam dias catequizando os gentios em suas aldeias, em lugares longínquos das vilas criadas pelos capitães. Tinham o couro do animal como matéria prima e o leite, queijo e carne para alimentar as crianças que viviam nos colégios. (VIEIRA; OLIVEIRA, 2018, p. 7)

Em 1550, chegou ao Brasil um novo grupo de padres jesuítas, o que permitiu a criação de novas Casas de Bê-á-Bá para disseminar a catequese dos indígenas e mamelucos do litoral e nas vilas e aldeamentos. Com autorização papal, os jesuítas passaram a ter direitos a riquezas materiais e, ao longo dos anos construíram uma infraestrutura econômica que lhes garantiu atingir os objetivos do ensinamento da doutrina cristã.

Para o crescimento numérico das casas, chama atenção dois fatos aludidos por Nóbrega: a vinda dos meninos órfãos de Lisboa – ‘com bulas para se ordenar confraria’ – e a decisão de abandonar o princípio evangelizador fundado na dependência de esmolas conferidas pelos colonos. (BITTAR; FERREIRA JR., 2005, p. 159-160).

A respeito das Casas de Bê-á-Bá é válido compreender que elas tinham público específico, como descrito por Bittar e Ferreira Jr. (2007, p. 34):

[...] a ação jesuítica da época se estruturou por meio da coabitação de duas ‘instituições’ educacionais: as casas de bê-á-bá, voltadas particularmente para as crianças indígenas mamelucas, e alguns colégios, cujos alunos eram os chamados ‘internos’ (futuros padres da Ordem) e ‘externos’, os filhos dos colonizadores portugueses.

Em relação a esse primeiro momento da educação formal temos em destaque personalidades como os mestres Antônio Rodrigues, José de Anchieta e Juan de Azpilcueta Navarro.

De 1549 a 1556. Nesse curto interregno, a prática pedagógica se traduz na própria ação catequética com os índios, principalmente crianças, e os

mamelucos, particularmente da Bahia e São Vicente. Destacaram-se nessa fase pelo menos três nomes: Antônio Rodrigues ( Rijo ), o primeiro mestre de bê-á-bá do Brasil; Juan de Azpilcueta Navarro, o primeiro jesuíta a esboçar a estrutura linguística do tupi; e José de Anchieta, que foi catequizador, autor da primeira gramática da língua tupi e criador do catecismo bilingue (português e tupi). (BITTAR; FERREIRA JR., 2007 p. 36).

Quanto ao processo prático da alfabetização nos primeiros tempos, poucas informações existem. O que se sabe é que os estudos das primeiras letras se davam pelo ensino sistemático do latim, por meio de textos sagrados, pois o objetivo dessa educação era a catequização.

Os padres aprenderam as línguas indígenas nativas para poder elaborar recursos para atrair e estimular as crianças, ‘compunha canções, escrevia pequenas peças de teatro e organizava compêndios que eram copiados e recopiados’ (AZEVEDO, 1963, p.506), para aprendizagem da língua portuguesa, catequização dos índios e ensinando latim e gramática para os brancos e mamelucos. Estes últimos poderiam posteriormente escolher estudar teologia, ou preparar-se para as carreiras liberais. (ARAÚJO, 2013, p. 5).

Além disso, Bittar e Ferreira Jr. (2005, p. 164) relatam que:

Para atingir tal objetivo, os padres jesuítas utilizaram uma pedagogia fundamentada nos seguintes elementos: bilinguismo (preferencialmente português e tupi); método de ensino mnemônico; catecismo com os principais dogmas cristãos; desmoralização dos mitos indígenas; e atividades lúdicas (música e teatro). O uso sistemático dessa pedagogia jesuítica no âmbito das casas de bê-á-bá pode ser considerado como a primeira grande ação ideológica de afirmação dos valores europeus quinhentistas no Brasil colonial.

Apesar da falta de material bibliográfico que trata do processo de alfabetização das primeiras práticas pedagógicas, verificamos que houve a utilização de métodos para ensinar-se a ler e escrever, que por mais adaptados à realidade do ambiente e circunstâncias, ainda assim, carregavam os já utilizados métodos do velho mundo como o método sintético.

[...] os métodos da soletração, o fônico e o silábico são de origem sintética, pois partem da unidade menor rumo à maior, isto é, apresentam a letra, depois unindo letras se obtém a sílaba, unindo sílabas compõem-se palavras, unindo palavras formam-se sentenças e juntando sentenças formam-se textos. Há um percurso que caminha da menor unidade (letra) para a maior (texto). (MENDONÇA; INFORSATO; COELHO, 2017, p. 28).

As conjecturas são inevitáveis por causa da carência de textos que exponham de forma detalhada essa ação específica de ensino da escrita e leitura anterior ao *Ratio*. Entretanto, podemos ter a certeza que um dos fatores do êxito na evangelização dos nativos pelos padres inacianos está ligado a alfabetização que eram realizadas nas Casas de Bê-á-Bá e nos Colégios por eles instituídos.

Bittar e Ferreira Jr. (2005, p. 164) são enfáticos ao afirmar que estas Casas de Bê-á-Bá foram desaparecendo ao longo do processo de colonização dando lugar à construção de Colégios para as crianças brancas, filhos dos colonos, ou seja, filhos de funcionários públicos que aqui já trabalhavam, dos senhores de engenhos, dos criadores de gado e dos oficiais mecânicos: “Em síntese, na mesma proporção em que os índios do litoral atlântico iam sendo exterminados ou convertidos e o modelo colonizador português se consolidava, as casas de bê-á-bá desapareciam e davam lugar aos colégios destinados às crianças brancas filhas dos colonos”.

O que diferenciava a educação nas Casas de Bê-á-Bá dos filhos de colonos? Enquanto aos índios era ensinado a leitura e escrita rudimentar com o objetivo de catequizá-los na fé cristã, na obediência e submissão, aos filhos dos colonos o ensino era centrado na leitura e escrita clássica do latim e canto orfeônico, bem como nas técnicas de pecuária, pois muitos seriam encaminhados para a Universidade de Coimbra (DATTI, 2016).

A partir de 1599, com a aprovação da última versão, o *Ratio Studiorum* passou a vigorar em todos os colégios sob o domínio da Companhia de Jesus. Este plano de estudos foi considerado elitista ao privilegiar somente os filhos dos colonos, excluindo os indígenas.

Uma reflexão a respeito da prática pedagógica em “sala de aula” antes e pós o *Ratio Studiorum* é que deve existir sempre uma flexibilidade a respeito das formas ou métodos que, na perspectiva da ação do docente, melhor se adequem ao propósito estabelecido.

[...] o *Ratio* nos permite compreender que os colégios fundados pelos jesuítas não permaneceram estáticos durante esse período. Ao contrário, o documento possuía certa flexibilidade para adaptações de acordo com as necessidades. A regra 39 do Provincial, por exemplo, admite ‘modificação para maior progresso das letras’, procedimento que necessitava ser comunicado ao geral, uma vez que as decisões deveriam se aproximar o máximo possível da organização geral dos estudos. (TOYSHIMA; MONTAGNOLI; COSTA 2012, p. 9).

Como vimos, essa flexibilidade esteve presente antes e durante o plano pedagógico dos Jesuítas, tal atributo talvez tenha sido um dos fatores mais importante para ter-se

organizado uma ação educacional formal no Brasil colonial.

Uma questão que merece atenção é o legado educacional deixado pelos Jesuítas na educação brasileira. A literatura especializada apresente argumentos favoráveis e contrários à influência da educação jesuítica. Para Paiva (2015, p. 202), a influência foi sob a “transmissão do conhecimento como verdades acabadas e em uma didática que primava pelo desenvolvimento de passos formais e por uma rígida estruturação desses conhecimentos”.

Para Gadotti (2003, p. 234)

Os jesuítas nos legaram um ensino de caráter verbalista, retórico, livresco, memorístico e repetitivo, que estimulava a competição através de prêmios e castigos. Discriminatórios e preconceituosos, os jesuítas dedicaram-se à formação das elites coloniais e difundiram nas classes populares a religião da subserviência, da dependência e do paternalismo, características marcantes de nossa cultura ainda hoje. Era uma educação que reproduzia uma sociedade perversa, dividida entre analfabetos e sabichões, os ‘doutores’.

Apoiados em Paiva (2015), pode-se considerar que, sob os princípios de uma concepção não-crítica e de rigor metodológico, a pedagogia desenvolvida pelos jesuítas é um “germe” da pedagogia tradicional quando se refere ao ensino diretivo e às práticas de competição. Com forte tendência à religiosidade, mesmo no ensino laico brasileiro, a aula sempre iniciava com uma oração para difundir a fé e demais virtudes cristãs. Outras questões bastante difundidas e exercidas pela educação tradicional foram a divisão das aulas, a estrutura do ensino, as correções de trabalhos atribuindo notas, as tarefas para casa, o trabalho dos professores em constante atividade de correções das atividades dos alunos e da arguição retórica.

Vê-se que, na medida que a educação tradicional primou pela difusão da instrução, também se firmou sob um método pedagógico expositivo que perdurou por décadas na educação brasileira, assim apresentado por Saviani (1991, p. 54-55, grifos nosso):

No entanto, esse ensino dito tradicional se estruturou através de um método pedagógico, que é o método expositivo, que todos conhecem, todos passaram por ele, e muitos estão passando ainda, cuja matriz teórica pode ser identificada nos cinco passos formais de Herbart. Esses passos, que são o passo da *preparação*, o passo da *apresentação*, da *comparação* e *assimilação*, da *generalização* e, por último, da aplicação, correspondem ao esquema do método científico indutivo, tal como fora formulado por Bacon [...]

A estrutura do método tradicional, organizado em cinco passos, deu origem a outros

métodos de ensino como os apresentados por Saviani na obra *Escola e Democracia* (1991), no qual o autor expôs os métodos da Escola Nova e da Pedagogia histórico-crítica. Não abordaremos sobre estes métodos, mas eles vêm sendo empregados na educação brasileira, por meio das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores em salas de aula.

Retomando a discussão do estudo aqui apresentado, faz-se necessário incluir a expulsão dos padres jesuítas em 1759, sob as ordens de Sebastião José de Carvalho, o Marquês de Pombal, ministro das relações exteriores de Portugal. Tal acontecimento trouxe para a educação grandes perdas, de acordo com Oliveira, Borges, Bortolossi *et al.* (2013, p. 1-2):

A reforma educacional pombalina teve seu maior destaque, especialmente, com a expulsão dos jesuítas de todo Império Lusitano. O processo educativo pedagógico em Portugal era governado pelos inacianos e, com a extinção dos colégios jesuítas, emerge uma nova era, inclusive na colônia brasileira. [...] Somente após quase trinta anos da expulsão da Companhia de Jesus é que o controle educacional pedagógico é assumido na colônia pelo Estado. A educação brasileira, com esse embate, viu cair consideravelmente seu nível qualitativo. E, com todas estas transformações, enfrenta a dificuldade de progressão e consolidação.

Ainda a respeito do cenário educacional após o banimento dos jesuítas, Queiroz e Moita (2007, p. 13) relatam que “[...] as consequências do desmantelamento da organização educacional jesuítica e a não-implantação de um novo projeto educacional foram graves, pois, somente em 1776, dezessete anos após a expulsão dos jesuítas, é que se instituíram escolas com cursos graduados e sistematizados”.

A respeito dos professores substitutos dos padres é importante dizer que eles em sua maioria receberam uma formação jesuítica, como se vê na leitura de Paiva (2015, p. 216): “Dos que aqui se ofereceram ao ofício, a maioria fora educada pelos jesuítas e seu conhecimento, assim como o método pedagógico, não sofrera a desejada reforma ilustrada, após a expulsão dos padres”.

Com o tempo essa reforma foi ganhando espaço real, assim como outras que foram sucedendo, sem, contudo, se desvincular por completo da influência educacional dos primeiros professores de nossa nação.

### **Considerações finais**

Os professores inacianos tiveram duzentos e dez anos de trabalho educacional em terras brasílicas, implantaram colégios, construíram reduções, evangelizaram os índios, deram

sua contribuição para a pedagogia tradicional e o seu modelo de ensino, o plano pedagógico (*Ratio Studiorum*), de forma direta e indireta serviu como influência para criação de outros documentos reguladores da ação e proposta educacional e isso se faz notório na educação brasileira, porque de fato nem tudo se perde quando reformas educacionais acontecem.

A exemplo da contribuição que foi dita acima, pode-se facilmente notar que nos dias atuais existe, dentre outros, o modelo tradicional de ensino, bem como o projeto político-pedagógico (PPP), documento esse que serve de guia para as ações pedagógicas, sendo produzido de ano em ano e que, naturalmente, lembra o plano pedagógico das escolas jesuítas, o *Ratio Studiorum*. Mas, contudo, convém concordar com a análise de Paiva (2015, p. 34):

Analisando essas raízes, o que ficou superficialmente como herança para as práticas educacionais brasileiras não foi o currículo clássico, universalista, com conteúdos capazes de desenvolver os juízos críticos, por meio do *Trivium*, ou ainda da compreensão do espaço físico, por meio do *Quadrivium*, mas seu caráter hierárquico, elitista, formalista, meritocrático e dogmático. Herdamos tão somente um utilitarismo que empobreceu os currículos, tendo em vista que se passou a valorizar mais o processo que o conteúdo.

Como se vê, herdamos muito da pedagogia jesuíta, mas não as características essenciais que garantiam a elevação do senso crítico. Isso faz vir à luz a necessidade de reaver as medidas educacionais que realmente proporcionem uma formação de qualidade.

Os educadores jesuítas foram importantíssimos à educação no mundo, e especialmente no Brasil, por terem sido o começo da educação formal. Estudar esse primeiro período mostra não só o movimento histórico da educação brasileira, mas, também, revelam riquezas de detalhes que podem levar à reflexão das ações e organizações do trabalho pedagógicos do passado, assim como a possibilidade de repensar as ações atuais, ou seja, buscar na educação jesuíta daquela época alguma característica que seja capaz de ajudar a educação de hoje.

## Referências

AMARAL, R. G. do A.; MURARI, J. C.; MELO, J. J. P. Objetivos e características da educação homérica: uma reflexão sobre o conceito de Areté. In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 9.; Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 3. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2009.

ARAÚJO, J. de S. **Perfil do Leitor Colonial**. Salvador: UFBA; Ilhéus: UESC, 1999.

ARAÚJO, A. de S. História da alfabetização: reflexões sobre as contribuições da Companhia de Jesus. In: Congresso Brasileiro de História da Educação, 7., 2013, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 2013.

ARANHA, M. L. de A. **História da Pedagogia: Geral e Brasil**. 3 ed. São Paulo: Moderna 2006.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Barueri: Sociedade Bíblica, 1959.

BITTAR, M. FERREIRA JR., A. Casas de bê-á-bá e colégios jesuíticos no Brasil do século 16. **Em aberto**, Brasília, vol. 21, n. 78, p. 33-57, dez. 2007.

BITTAR, M. FERREIRA JR., A. Casas de Bê-á-bá e evangelização jesuítica no Brasil do século XVI. **Revista Educação em Questão**, v. 22, n. 8, p. 153-181, jan./abr. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8362/6020>>. Acesso em: 07 jan. 2021.

COSTA, C. J.; MENEZES, S. L. A educação no Brasil colonial (1549 -1759). In: ROSSI, E. R.; RODRIGUES, E.; NEVES, F. (Orgs.). **Fundamentos históricos da educação no Brasil**. 2. ed. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2009.

CRAICE, L. O. C. **Manuel da Nobrega e a Companhia de Jesus na Sistematização Pedagógica no Brasil do Século XVI**. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14519>>. Acesso em: 20 de abr. 2020.

DATTI, D. J. Resumo da história da educação no Brasil. **Só Pedagogia**, abr. 2016. Disponível em: <[https://www.pedagogia.com.br/artigos/resumo\\_da\\_historia/?pagina=1](https://www.pedagogia.com.br/artigos/resumo_da_historia/?pagina=1)>. Acesso em: 07 jan. de 2021.

FERREIRA JR., A; BITTAR, M. Artes liberais e ofícios mecânicos nos colégios jesuíticos do Brasil colonial. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, p. 693-716, 2012.

FRANCA S.J., L. **O método pedagógico dos jesuítas: o “Ratio Studiorum”**: Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1958.

GADOTTI, M. **História das Ideias Pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2003.

HENRIQUE, M. da C.; MAIA, A. P.; FREITAS, F. M. Ratio Studiorum uma análise sobre o método pedagógico dos jesuítas. In: Congresso Nacional de Educação, 3., 2016, Campina Grande. **Anais III CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2016. s./p. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/22109>>. Acesso em: 19 maio 2020.

LIMA, V. de A.; ARAÚJO, A. M.; MORAES, L. M. da S. **A pedagogia tradicional proposta pelo Ratio Studiorum**. In: Congresso Nacional de Educação, 4., 2017, Campina Grande. **Anais IV CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2017. s./p. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/35503>>. Acesso em: 20 maio 2020.

NETO, F. J. da S. L. **A pedagogia tradicional**: marcos de sua Manifestação e Consolidação. 1994. Disponível em: <[http://floboneto.pro.br/\\_pdf/histeduc/2.03%20edtrad.pdf](http://floboneto.pro.br/_pdf/histeduc/2.03%20edtrad.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2020.

MATTOS, L. A. de. **Primórdios da educação no Brasil**: o período heróico (1549-1570). Rio de Janeiro: Aurora, 1958.

MENDONÇA, O. S.; INFORSATO, E. do C.; COELHO, S. M. **Percursos Históricos dos métodos de alfabetização e novas demandas do ensino**. 2. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica; Prefeitura Municipal de São Paulo, 2017. v. 1, p. 111-127.

MONROE, P. **História da educação**. Trad. e notas Idel Becker. 17. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

NEGRÃO, A. M. M. Resenha: FRANCA S.J., Leonel. O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio Studiorum": Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1952. **Rev. Bras. Educ.** n. 14, Rio de Janeiro, maio/ago. 2000.

OLIVEIRA, A. M. B. de; COSTA, C. J. Os Jesuítas no Brasil do Século XVI. In: Seminário de Pesquisa do PEE, 2011, Maringá. **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2011. p. 1-8. Disponível em: <[http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2011/pdf/4/074.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2011/pdf/4/074.pdf)>. Acesso em: 17 de fev. 2020.

OLIVEIRA, N. C. de; BORGES, F. A. F.; BORTOLOSSI, C. M. B.; MARQUES, D. D. A.; COSTA, C. J. Marques de Pombal e a expulsão dos Jesuítas: uma leitura do iluminismo português no século XVIII. In: Jornada do HISTEDBR, 11., 2013, Cascavel. **Anais...** Cascavel: Universidade do Oeste do Paraná, 2013. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada11/artigos/4/artigo\\_simposio\\_4\\_805\\_nat\\_oliveir@hotmail.com.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/4/artigo_simposio_4_805_nat_oliveir@hotmail.com.pdf)>. Acesso: 18 mar. 2020.

PAIVA, W. A. de. O Legado dos Jesuítas na Educação Brasileira. **Educação em Revista (UFMG)**, v. 31, p. 201-222, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/edur/v31n4/1982-6621-edur-31-04-00201.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

QUEIROZ, C. T. A. P. de.; MOITA, F. M. G. da S. C. **Fundamentos Sócio-filosóficos da educação**. Campina Grande; Natal: UEPB: UFRN, 2007.

RIBEIRO, M. L. S. **História da Educação Brasileira**: A Organização Escolar. 12. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. 25 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008

SOUZA, N. M. M. S.; MANCINI, A. P. G.; VALE, J. M. F. do; MELLO, L. S.; BETTINI, R. F. A. J. (Org.). **História da Educação**: Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Contemporânea. São Paulo: Avercamp, 2006.

TERRA, P., Cônego. **A Catequese**. Rio de Janeiro: Record, 1963.

TOYSHIMA, A. M. da S.; MONAGNOLI, G. A.; COSTA, C. J. **Algumas considerações sobre o Ratio Studiorum e a organização nos colégios jesuítas**. In: Simpósio Internacional Processos Civilizadores, 14., 2012, Londrina. Anais... Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2012. Disponível em:  
<[http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais14/arquivos/textos/Comunicacao\\_Oral/Trabalhos\\_Completos/Ana\\_Toyshima\\_e\\_Gilmar\\_Montagnoli\\_e\\_Celio\\_Costa.pdf](http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais14/arquivos/textos/Comunicacao_Oral/Trabalhos_Completos/Ana_Toyshima_e_Gilmar_Montagnoli_e_Celio_Costa.pdf)>. Acesso em: 07 jan. 2020.

VIEIRA, A. da S.; OLIVEIRA, N. C. de. Educação jesuítica na América portuguesa: as Casas de Bê-a-Bá no século XVI. In: Semana de Pedagogia da UEM, 23.; Encontro de Pesquisa em Educação, 11.; Seminário de Integração Graduação e Pós-Graduação, 2., 2018, Maringá. **Anais...** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2018. Disponível em:  
<<http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2018/T03/03.07.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2021.